

## A MODERNIDADE PERDIDA NO NÃO SEI

Deise Dantas Lima  
UFF

Recentemente, uma perspectiva crítica vem relacionando a obra de João Guimarães Rosa com alguns conceitos que têm sofrido um processo contínuo de resignificação, inspirada na realidade relativizante do multiculturalismo: regionalismo e identidade. Por muito tempo, o regionalismo foi encarado como traço ostensivo de identidade, cultuado como valor que nos distingue, na dupla função de enobrecer e diferenciar a cultura brasileira. A permanência desta valorização deixa entrever como o nacionalismo literário balizou historicamente o processo ao longo do qual se consolidou a literatura brasileira desde seus primeiros esforços em busca da autonomia no século XIX, para representar sua identidade própria. Fenômeno não apenas brasileiro, tal empenho valorativo ocorreu também em outros países cuja história também foi calcada pelo processo de colonização. Em todos eles, a necessidade de endossar o localismo como síntese da sua diferença comprometeu ideologicamente a literatura com a fidelidade à matéria extraliterária que lhe servia de substrato, conjugando, nem sempre conscientemente, impulsos de cópia e rejeição de temas e técnicas provenientes da Europa. Com isso, muitas vezes se atribuía às obras valor e significado proporcionais à evidência dos aspectos representados, estreitando mais os laços entre literatura e nacionalismo.

Nesta medida, a literatura convocou autores e público leitor para construírem a “comunidade imaginada”, segundo a consagrada expressão de Benedict Anderson<sup>1</sup> e sob tal envolvimento, a arte se curvaria a uma “pedagogia nacionalista”. Na história literária brasileira, esta comunidade imaginada foi moldada a partir de um discurso híbrido, que reunia arte, história

---

<sup>1</sup> ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflexions on the Origin and Spread of Nationalism*. London & New York: Routledge, 1996, p. 6

e política, que, para construir a identidade - imagem borrada pela empreitada colonizadora - impôs a ênfase nos aspectos mais típicos da cultura brasileira, inclusive no codificar das suas formas de expressão. O regionalismo contribuiu para este projeto, adotando o sertanejo como personagem central, do mesmo modo que o indianismo entronizara Iracema, Peri e congêneres. Conforme afirmou Antonio Candido<sup>2</sup>, o regionalismo seria positivo neste momento como “descoberta, reconhecimento da realidade do país e sua incorporação ao temário da literatura”. Porém, construir a “comunidade imaginada”, superdimensionando o verismo, concorreu para dobrar a representação a uma perspectiva que obscurece o caráter plural, fragmentário e híbrido da cultura brasileira, porque tenta moldar um emblema da nacionalidade. A figura obtida neste processo nega o caráter dinâmico de toda identidade, porque esta se impõe como um constante articular idéias, imagens e valores em um sempre renovado desafio à capacidade construtiva de seus agentes. Desta negação decorre um procedimento interpretativo que, além de referendar o cânone literário, insere a obra num horizonte de expectativas condizente com o empenho - compartilhado por autores e leitores - de reconhecer na literatura uma imagem privilegiada da brasilidade.

Se a representação realista das peculiaridades locais, revelou, ainda no século XIX, uma das faces visíveis do nacionalismo literário, ao definir uma identidade cultural que figurava na natureza exuberante as possibilidades do país novo, o regionalismo do século XX esvaziou tal pretensão, em parte devido à consciência do subdesenvolvimento, ao compreender que a pujança da terra foi insuficiente para concretizar suas promessas de prosperidade. Logo após a segunda guerra, época de produção e circulação da obra rosiana, esta relação se complexificou, posto que o Brasil vivia em trânsito para o futuro traçado pelo desenvolvimentismo otimista e oficial dos

---

<sup>2</sup> CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987, p. 158.

anos 50. A colocação deste projeto político em andamento errante - na sua dupla acepção de andar sem destino e de cometer erros - permite ao leitor pensar, alegoricamente, nas outras tantas possibilidades que a realização deste projeto fez gorarem, permanecendo apenas como ruínas de um passado que não se realizou.

Traçando relações possíveis entre as estórias criadas em *Corpo de baile* e a *História do Brasil*, a leitura do destino reservado tanto a Manuelzão quanto a Lélío permite interpretar as oportunidades que se colocam ao jovem e ao idoso, de acordo com seu grau e modo de inserção no sistema produtivo, também como formulações alegóricas de um entre-lugar de espantos e esperanças que articula diferentes temporalidades em um mesmo espaço - o Brasil rural, errando pelas tortuosas veredas da modernização. O futuro próximo parece ser o único horizonte para o capataz que se debruça retrospectivamente sobre sua longa história pessoal, para reconhecer, melancólico, que vivera sempre “semeando bem o dinheiro de Federico Freyre”, impossibilitado de plantar para si e seus descendentes um lugar confortável na pirâmide social.

Embora consciente dos motivos para o fracasso de seus anseios, Manuelzão ainda se deixa flagrar nostálgico da antiga ordem econômica fundada na riqueza imobiliária, conformado com o pequeno lapso de vida que lhe resta, alerta para o fato de que sua trajetória não mudaria em tão pouco tempo. Este sentimento atualiza a impossibilidade de ultrapassar as limitações impostas por sua história pessoal, diante dos pré-requisitos indispensáveis para transformar sua condição. Por isso, encontra alento na *Décima do Boi Bonito* - celebração das habilidades de um vaqueiro mítico - para reassumir, agora mais integrado e satisfeito, suas “miúdas obrigações”. Apesar de alienada da materialidade da vida dos vaqueiros, a *Décima do Boi Bonito* afirma-se como interseção entre a experiência coletiva - o cotidiano exposto no reconto - e a vivência individual que o recolhe e absorve, permeado pelas sugestões arbitradas e modeladas pelos valores do grupo. Além de reunir indivíduo e coletividade, a mensagem moral e o relato que a

deflagrou concorrem para atualizar o passado e instaurar uma ruptura no fluir incessante da experiência, inaugurando outra maneira de perceber a realidade. Reanimado por esta estória de exceção, visto que na Décima as condições econômicas e sociais do vaqueiro são ocultadas por uma aura de heroísmo incomum, o dono da festa em terras de Federico Freyre abdica dos sonhos de realizar o que sempre estivera além de suas possibilidades, continuando a vida rude de vaqueiro, “um viver sem pique nem pouso”.

O futuro coloca-se na vida errante de Lélío como expectativa em aberto, uma vez que, mesmo continuando vaqueiro, o rapaz ainda ambiciona unir-se com viúva rica, de modo a melhorar sua posição sócio-econômica. Esta mudança de vida, bastante incerta e improvável, será condicionada ao total aproveitamento de suas capacidades de adaptação, através do perfeito uso das circunstâncias a seu favor. No entanto, o personagem não aparece em outras estórias de *Corpo de baile*, deixando seu destino apenas insinuado. Deste modo, o caráter inconclusivo da trajetória de Lélío permite uma abertura interpretativa que identifique estes caminhos e descaminhos com os movimentos do país (“país jovem” e promissor) na época em que foi publicado *Corpo de Baile*, transitando da antiga economia agrária para os percalços e riscos do “dinheiro moderno”. Assim como Lélío, o país também vaguearia, guiado por uma “ideologia do melhoramento”<sup>3</sup> desenvolvimentista que, em nome de retirar o país do subdesenvolvimento crônico, na verdade, estaria ajustando seu passo vacilante ao ritmo frenético ditado pela nova ordem econômica mundial. Este empenho movimentava grandes expectativas e se deixava movimentar pelas indefinições que marcam a busca de melhorias sujeita aos desacertos que tentam conciliar necessidades e limitações da realidade do país ao projeto modernizador.

---

<sup>3</sup> WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 86 – 96.

Enfatizando o trabalhador pobre e consciente da impossibilidade de alcançar outro patamar sócio-econômico, as novelas põem em cena o avesso da visada nobilitadora que, tradicionalmente, alinha o trabalho do vaqueiro com a tarefa hercúlea de desbravar o território para expandir as fronteiras da “vida civilizada”. Esta perspectiva, sedimentada na literatura comprometida com os mitos fundacionais da cultura nacional, parte de uma abordagem que considera o sertão um dos pólos que consolidam a forma de representar a nação como figura coerente e contínua. Nesta polarização, a interlândia aparece como estigma de atraso a ser superado e vazio a ser preenchido para que o país se torne uma continuidade espacial e histórica o mais homogênea possível. Desta chave interpretativa, ergue-se a imagem da pátria como unidade cindida, que os empenhos civilizatórios pretendem reunir, nivelando litoral e interior pela imposição de uma medida de desenvolvimento que elimine a diferença. Assim, elide o caráter paradoxal, contraditório, destas realidades.

O conjunto destas construções discursivas comprometidas com paradigmas semânticos que neutralizam as diferenças também elaborou uma tradição que, reescrevendo a crônica do desbravamento do interior sempre pelo mesmo ângulo, acentua o caráter regenerador da empresa “civilizatória”; ao mesmo tempo, oculta e lança no esquecimento a base violenta desta empreitada. Por outro lado, ao heroificar seus agentes, transformando-os em símbolos do avanço vitorioso da cultura citadina e litorânea sobre a geografia e a cultura sertanejas, tal representação naturaliza a história e, desta feita, assume o caráter de um contar mítico, que mascara o fundamento econômico do processo, numa obstinada tentativa de anular, ao menos simbolicamente, seus conflitos e inconsistências.

A representação dos personagens em trânsito para um futuro oco e fugidio - porque desprovido dos sinais consoladores do sucesso individual alheio às injunções concretas da vida prática - desarranja irreversivelmente este lastro otimista de uma tradição narrativa que confere,

em abstrato, grandeza épica ao indivíduo. Nas narrativas rosianas, os personagens, submetidos às dissonâncias que se impõem entre a necessidade de melhorar de vida e as parcas possibilidades reais de melhoria, fragmentam e articulam, de maneira incomum, o discurso da modernização desenvolvimentista que deixava ao homem do campo apenas o papel de testemunha de uma cultura que, se não resgatada pela arte, sucumbiria ao esquecimento. Este homem do campo aparece dentro de uma malha de conflitos e contradições que as narrativas encenam. Na festa ou no trabalho cotidiano da fazenda, aparecem vários atores de uma verdadeira “comédia humana do sertão”, conforme apontou Willi Bolle<sup>4</sup>, cada um desempenhando um papel específico, fazendo convergir diferentes realidades, no mesmo momento e no mesmo espaço; aí interagem, sob os olhares sempre vigilantes do capataz, os anciãos veneráveis que corporificam uma história passada de conquistas e os vaqueiros ambiciosos e ingênuos, insistentes em seus projetos de construir um futuro melhor.

Neste sentido, leituras que enfatizam na ficção rosiana o resgate dos valores da cultura sertaneja como emblema do arcaico deixaram de assinalar como estes aspectos se articulam ao campo intelectual da época, alargado para além do simples olhar nostálgico e recoletivo sobre o passado. Estas interpretações compreendem a articulação do popular e do erudito, do passado com o presente, do arcaico com o moderno, de modo a valorizar uma estratégia em que a obra os preserve e presentifique, garantindo-lhes com isto circulação e eternidade através da letra impressa como forma de manter viva, ao menos na memória dos leitores, uma realidade que a qualquer momento pode desaparecer. Tal compreensão elegíaca do papel da literatura endossa o olhar petrificante sobre o que a arte deseja eternizar; com esta atitude, a obra assumiria o papel de índice de existência do passado que, convertida em ruína de situações anteriores, preserva a

---

<sup>4</sup> BOLLE, Willi. *Fórmula e fábula* (teste de uma gramática narrativa, aplicada aos contos de Guimarães Rosa). São Paulo: Perspectiva, p. 82.

memória e a transmissão da experiência humana nela representada. Assim, se converteria em registro que auratiza o passado, fazendo-o próximo e, por presentificá-lo o faz se sobrepor ao momento de circulação da obra, tornando este momento algo distante; em consequência, dissolve o espaço em tempo, e o tempo em espaço.

No entanto, ao expressarem sob ângulo diverso uma dada realidade sócio-histórica, as novelas de *Corpo de baile* problematizam o discurso progressista da modernização que chegava para se impor sobre as contradições da vida brasileira, mostrando a permanência de uma economia de pobreza, gestada e reproduzida sob as amarras do latifúndio. Nestas novelas acontece alegoricamente a figuração da permanência do arcaico - a propriedade e a concentração da terra, desde o início do processo colonizador até sua comprovação pelo censo de 1950 - e da imposição renovadora do moderno - representada pela política de substituição de importações. Erguendo-se lado a lado e ao mesmo tempo, estas duas realidades destroem a linearidade contínua entre o velho e o novo desenhada por um discurso que concebe a História como movimento unidirecional com vistas a um aperfeiçoamento constante e progressivo, substituindo ou eliminando os estágios anteriores.

Disseminados ao longo das narrativas, os índices da contigüidade arcaico-moderno estabelecem novos sentidos para os resíduos do que poderia ter sido e que não foi. Na teimosa insistência de Manuelzão em preservar o leito seco do riacho na esperança de que um dia as águas voltem a correr, na tentativa obstinada de Lélio em sorver, em algum momento o seu “gole de poder de futuro” para se estabelecer como fazendeiro, se concentram as imagens fluidas e incertas como tentativas de rearranjar de forma crítica as ligações entre histórias de adversidade, inseridas num *continuum* histórico, e de suspender momentaneamente este fluxo para considerar o que determina esta condição. Ao paralisar a continuidade temporal, as narrativas de Guimarães Rosa atualizam as possibilidades malogradas, e empurram seus atores para que atribuam sentidos

e valores à errância que deixa perceber, no plano mais amplo, a figuração de uma realidade histórica cambiante e cambaleante, marcada por dolorosos hiatos entre os projetos e os discursos de modernização e a realidade cotidiana dos seus anônimos agentes.

No âmbito da organização narrativa, dois processos complementares dão forma artística a este momento de desmanche da objetividade linear e progressista do discurso que se ocupava do Brasil ainda não bafejado pelos efeitos da modernidade: a polifonia e a intertextualidade. A primeira multiplica e relativiza o discurso unificador calcado no ponto de vista oficial sobre uma realidade que deveria permanecer paradoxalmente intocada - para ser convertida em relicário de tradições autênticas - e modificada - para acertar o passo trôpego com o processo que a resgataria dos sinais seculares de atraso e subdesenvolvimento. As novelas rosianas, ao representarem o homem sertanejo dotado de grande acuidade crítica, contribuem para esvaziar uma leitura superficial e ingênua do sertanejo e de sua cultura, mostrando a coexistência de aspectos que estimulam mas, ao mesmo tempo, também travam a imposição de uma empresa homogeneizadora; vale dizer, de que modo na permanência do arcaico no moderno se desvelam as faces de uma mesma realidade dilacerada.

Já a intertextualidade contribui para que o leitor ate, desate e reate o fluxo da experiência, estabelecendo analogias entre a linearidade da escrita ficcional e da História enquanto discurso. Deste modo contribui para mostrar como, para se ter uma leitura em profundidade tanto da ficção quanto da História, se deve, igualmente, perceber em ambas suas descontinuidades, reconhecendo o corte, a fragmentação e a arbitrariedade que se escondem sob a montagem aparentemente linear de algo que se impôs como unidade enganosamente natural, consenso unificador que vela as intencionalidades que organizam a “matéria vertente”. Assim, *Corpo de baile* deixa ver de modo discreto como no horizonte da modernidade se erguem, lado a lado, o campo de ruínas da ocupação do solo - a fazenda de pecuária com o riachinho seco - e os alicerces de um futuro que



se avizinha indiferente às necessidades que nem a economia agrária nem o “dinheiro moderno” têm como objetivo atender.

## **Bibliografia**

- ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflexions on the Origin and Spread of Nationalism*. London & New York: Routledge, 1996.
- BAKHTIN, Mikhail.. *Problemas da poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1981.
- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BHABHA, HOMI K. (ed.). *Nation and Narration*. London & New York: Routledge, 1995
- \_\_\_\_\_. *The Location of Culture*. London & New York: Routledge, 1994
- BOLLE, Willi. *Fórmula e fábula (teste de uma gramática narrativa, aplicada aos contos de Guimarães Rosa)*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.
- HUMPHREY, Robert. *O fluxo da consciência*. São Paulo: Mac Graw-Hill, 1976.
- LIMA, Deise Dantas. *Encenações do Brasil rural, em Guimarães Rosa*. Niterói: Eduff, 2000.
- MELLO, Cléa Corrêa de. “A construção discursiva do nacional em Guimarães Rosa”. In: *Veredas de Rosa (Seminário Internacional Guimarães Rosa - 1998)*. Belo Horizonte: PUCMINAS, CESPUC, 2000. pp. 153-7.
- \_\_\_\_\_. *Guimarães Rosa, um intérprete do Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.(dissertação de mestrado em Literatura Comparada).
- ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*; em dois volumes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

\_\_\_\_\_. *No Urubuquaquá, no Pinhém* (Corpo de baile). 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976

\_\_\_\_\_. *Manuelzão e Miguilim* (Corpo de baile). 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.